PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS !

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 30 Maio de 1969 Ano IV

Amplitude nas Ações de Massas

Em todo o país começam a surgir importantes ações de massas. Decidido a defender seus interêsses, o povo não se deixa intimidar pelas violencias da ditadura. Expressa, de diversas formas, sua condenação as arbitrariedades dos militares no Poder e levanta-se, cada dia mais firmemente, contra o atual estado de coisas.

Operários, camponeses, intelectuais e setores do clero manifestam inconformismo, reivindicam direitos e exigem liberdades democráticas. As greves estudantis da Bahia, a invasão de restaurantes universitários em Belo Horizonte e o movimento por vagas nas escolas em Pôrto Alegre marcam o reinício das ações populares contra a ditadura,depois da promulgação do Ato Institucional nº 5.

Agora, em São Paulo, face às odiosas medidas de perseguição a numerosos professôres universitários que foram compulsoriamente aposentados, ergueu-se um amplo movimento de protesto. Mais de mil e quinhentos mestres e alunos da Universidade do Estado realizaram uma assembléia conjunta para repudiar a decisão ditatorial. A polícia ocupou o local da reunião e deteve mais de mil dos participantes. Foi, porém, obrigada a soltá-los. Longe de arrefecer, o movimento estendeu-se. A maioria das faculdades da Universidade de São Paulo, englobando professôres e alunos, entrou em greve. Diante desta mais ampla e coesa manifestação, a reação viu-se em maiores dificuldades. Apesar das ameaças e violencias nao pode conter a ação dos universitários. Em Pôrto Alegre, o diretor da Faculdade de Filosofia renunciou em sinal de solidariedade aos professores demitidos e os estudantes realizaram uma greve. Na Guanabara, seis entidades médicas se solidarizaram com o antigo diretor do Instituto Nacional do Câncer que pedira exoneração por discordar da decisão governamental de entrega do Hospital do Câncer a uma emprêsa particular. Em Fortaleza, o clero resolveu suspender por dois dias todos os ofícios religiosos como protesto a condenação de Frei Geraldo Bonfim pela Justiça Militar devido ao sermão que proferiu de crítica as Fôrças Armadas.

Estas ações evidenciam que Costa e Silva não pode impedir o movimento popular quando êste defende questões sentidas e alcança amplitude. A ditadura ataca facilmente as manifestações de pequenos grupos, mas seus golpes tornam-se ineficazes quando se defronta com demonstrações realmente amplas.

Os comunistas precisam ligar-se mais ainda às massas, compreender a necessidade de levantar suas reivindicações sentidas e dar amplitude as suas lutas. As ações precisam ser as mais amplas, mesmo quando se trate de questões de menor vulto. O exito das lutas reivindicatórias e a defesa das massas face a repressao policial dependem dessa amplitude.

Assim, será possível retornar a ofensiva do movimento de massas contra a ditadura militar e os imperialistas norte-americanos

Salário-Miséria

Com o maior descaramento, o coronel Passarinho, Ministro do Trabalho, anunciou a 1º de Maio, a decretação dos novos níveis de salário-mínimo. Os trabalhadores receberão o irrisório aumento de 20% sobre o salário-mínimo de março de 1968. Nos principais centros do país, como São Paulo e Guanabara, o teto será de 156 cruzeiros novos, mensais, e em outras regiões, menor ainda. Com justa razão, a classe operária passou a denominar tal salário de salário-miséria.

Desde o golpe de abril de 64, os militares vêm liquidando as conquistas dos trabalhadores das cidades e do campo. Congelaram os salários e só permitem aumentos anuais inferiores aos índices reais da elevação do custo de vida. Os cálculos estatísticos da ditadura sobre esse custo são mentirosos. O poder aquisitivo das massas reduz-se a cada dia. Estas precisam trabalhar mais horas a fim de comprar artigos que, em período anterior, demandavam menos horas de serviço. Para adquirir o feijão, o arroz, a carne, um par de sapatos ou para pagar o transporte, os trabalhadores dispendem muito mais do que há cinco anos passados. Hoje, nos grandes centros, 156 cruzeiros novos mal chegam para pagar o aluguel de um barraco.

A insignificante majoração do salário-mínimo, na realidade, não traz maiores benefícios ao proletariado. Serve, principalmente, para justificar novas altas dos preços. Tão logo a ditadura decretou o atual salário-mínimo, divulgou o aumento dos aluguéres que, em muitos casos, é superior a 30%. O preço dos combustíveis foi igualmente aumentado, o que acarretou a elevação das tarifas dos ônibus. O café em pó sofreu uma elevação de 50%, o leite subiu de 20% e já se anuncia a majoração dos preços do pão e das massas alimentícias.

Enquanto os trabalhadores percebem salários de fome e têm de trabalhar horas-extras para manter a subsistência, os lucros das empresas, particularmente das estrangeiras, são astronômicos. Os fazendeiros de café também ganham rios de dinheiro. Há poucos dias foram aquinhoados pela ditadura com substancial aumento de 29,2% nos preços das sacas de café, da safra de 69/70. E os militares da ativa obtiveram, não faz muito tempo, abusiva elevação de seus vencimentos. Um capitão do Exército ganha atualmente mais de 9 salários-mínimos, por mês. Com semelhantes medidas, a ditadura mostra a quem serve. Descarrega o pêso das dificuldades econômicas e financeiras sôbre as costas dos trabalhadores, favorece a minoria de latifundiários e grandes capitalistas, promove a intensificação do grau de exploração da classe operária e ajuda os imperialistas norte-americanos a espoliar o país.

Salários de fome e repressão aos movimentos reivindicatórios constituem o centro da política da ditadura em relação ao proletariado. As organizações sindicais vivem praticamente sob intervenção ministerial. Os dirigentes de sindicatos que não rezam pela cartilha do coronel Passarinho são sumariamente destituídos de seus cargos. As entidades sindicais deixaram de exercer qualquer função em defesa dos interêsses dos trabalhadores. Estão reduzidas a meros postos de assistência social.

A classe operária, porém, não se conforma com tal situação. Ante a brutal exploração de que é vítima, acabará se rebelando e recorrendo, mais e mais, à sua grande arma de combate que é a greve. Sua força está nas organizações de empresa e na união para a luta. Em outras épocas de reação, o proletariado sempre levantou-se em poderosas greves, derrotou a política salarial das classes dominantes e defendeu seus sindicatos do contrôle policial. Hoje, quando os militares no Poder pisoteiam os direitos mais elementares dos trabalhadores, com mais forte razão o proletariado saberá erguer-se para conquistar suas reivindicações e sacudir o jugo da ditadura.

<u>LUCROS FABULOSOS:</u> <u>Um bilhão e 194 milhões de dólares,</u> num só ano!

O relatório da CEPAL, referente ao ano de 1967, publicado na imprensa brasileira, diz: "Os negócios dos norte-americanos na América Latina deram um lucro de US$ 1.194 milhões; desse total, entre inversões nos mesmos negócios e inversões em outros, os norte-americanos aplicaram apenas US$ 363 milhões, tendo saído, portanto, da América Latina, US$ 831 milhões".

Comentário Nacional

Repressão Fascista

Mais um listão de cassados pelo Conselho de Segurança Nacional foi dado a conhecer pela ditadura. Cerca de uma centena de cidadaos tiveram seus direitos políticos suspensos por dez anos. A medida agora adotada não se limita a rotina das cassações anteriores. Vai além. Atinge inclusive o direito ao exercício da profissão e a representaçao social, em qualquer nível. A decisão fascista de Costa e Silva repercutiu intensamente em vastos círculos sociais e políticos. Os que vinham alimentando ilusões num abrandamento das punições caíram em profundo ceticismo e abatimento. As forças populares, ao contrário, convenceram-se mais ainda de que as novas medidas repressivas estão na lógica do processo desencadeado no país com o golpe de 1º de abril. Só terminarão com a derrubada da ditadura.

Juntamente com deputados federais e estaduais, o listão de cassados inclui jornalistas, dirigentes sindicais e alguns militares. Entre os deputados estaduais acham-se os líderes de bancada dos governadores de São Paulo e Guanabara. A ditadura foi ao ponto de proibir a alguns dos cassados de trabalhar no magistério, público e particular, e ser eleito para diretorias de sindicatos ou mesmo de um simples clube esportivo. Tudo isto vem sendo feito sem quaisquer justificativas ou apelação. Baseia-se unicamente no arbítrio dos militares, que se arvoraram em juízes supremos da conduta de todos os brasileiros.

Essas ações despóticas revelam mêdo e fraqueza da ditadura. Cada vez mais acossada e isolada pelo ódio do povo, recorre aos meios repressivos mais odiosos a fim de atemorizar as massas e manter-se no poder. O ministro Gama e Silva teve o desplante de afirmar, logo após a publicaçao da última lista punitiva, que as cassações não teriam "limites quantitativos". E a ameaça não fica aí. O ministro do Exército, Lira Tavares, proclamou, em conferência na Escola de Guerra Naval, que eram falhos os recursos legais para enfrentar o que denomina de processo da guerra revolucionária em curso, ou seja, a luta de massas que se vem travando pelas liberdades e pela independência nacional. Confessa, assim, que os militares estão adotando e terão que adotar, sem prazo determinado, meios ilegais, do qual o Ato Institucional nº 5 é uma das expressões mais típicas.

Simultâneamente com as cassações, multiplicam-se as prisões e condenações de patriotas. Centenas de estudantes são afastados das escolas. Dezenas de professores foram aposentados por decreto. A censura continua agindo draconianamente, tanto nos meios de divulgação como no terreno da criação artística e literária. A polícia invade livrarias e apreende milhares de livros. Sobre os trabalhadores das cidades e do campo pesa feroz opressão. Os sindicatos são vigiados pelos beleguins e os camponeses que reclamam terra veem-se agredidos a bala pelos jagunços e soldados da reação.

O banditismo e a arrogância dos militares no Poder não cessarão sem a resistência diária e crescente do povo brasileiro. Os gorilas não respeitam os princípios democráticos e a soberania popular nem compreendem os argumentos baseados nos direitos do homem. A única linguagem que entendem é a da força. Proclamam-se defensores da Lei e da Ordem. Mas a Lei que impõem é a do mais completo arbítrio. E a Ordem que preservam á a de uma minoria de privilegiados e reacionários.

A união e a luta contra a ditadura militar constituem imperativo para todos os brasileiros que não querem viver sob o tacão dos generais fascistas. É preciso responder a ilegalidade e a violencia com ações de massas em toda parte, com manifestações de repúdio as medidas fascistas, com a solidariedade aos presos e perseguidos políticos. É indispensável preparar-se para desencadear a guerra popular.

A ditadura não conseguirá arrefecer o ânimo de luta do povo brasileiro.

Panorama Internacional

A Viagem de Rockefeller

Com o propósito de acalmar seus lacaios da América Latina, inquietos com a perspectiva de liquidação do programa da famigerada Aliança para o Progresso, Nixon enviou Nelson Rockefeller para um giro pelo Continente. Cercado de numerosa comitiva de técnicos, assessores e agentes da CIA, o magnata da Standard Oil iniciou a primeira etapa de sua viagem, visitando os países da América Central.

Oficialmente, os objetivos apresentados para a missão Rockefeller são os de recolher dados e informações destinados à formulação de uma "nova" política dos Estados Unidos para o Hemisfério. Nos primeiros países visitados, o representante de Nixon declarou que não vem concertar acordos nem solucionar problemas de qualquer natureza. Pretende apenas ouvir, estudar a situação e transmitir os resultados de suas observações à Casa Branca. Não são êsses, porém, os objetivos da missão Rockefeller. Washington possui amplas e detalhadas informações de tôda a América Latina, recolhidas por mil e um canais. Em muitos aspectos, conhece melhor a situação dos países latino-americanos do que as suas próprias classes dominantes. Rockefeller trata, na realidade, de amaciar o caminho para substituir a Aliança para o Progresso por uma política ainda mais rapace e prejudicial aos povos do Continente. É isto que Nixon tem em vista ao enviar um dos reis do petróleo às nações da América Latina.

Os governantes dos países latino-americanos, preparando-se para o encontro com Rockefeller, convocaram, às pressas, uma reunião no Chile, da Comissão Executiva de Coordenação Latino-Americana (CECLA), em nível ministerial. Tentam organizar o que denominam de estratégia única para negociar com os Estados Unidos. Nessa reunião, constataram, a seu pesar, que o saldo da ajuda norte-americana vem sendo negativo. Sem tocar nas questões essenciais, aprovaram um documento cheio de lamúrias no qual imploram compreensão dos monopolistas ianques. Em troca da colaboração ainda mais estreita com os Estados Unidos e da continuidade da política de subserviência e de entreguismo, seus signatários rogam humildemente melhores preços para os produtos primários, menores juros e maiores prazos para os empréstimos, mais "ajuda" financeira. Deste modo, é de pires na mão que recebem a Nelson Rockefeller.

Mas os imperialistas ianques não demonstram nenhum desejo de satisfazer tais pedidos. No momento atual, Nixon busca precisamente a forma para intensificar a exploração da América Latina. Enquanto os lacaios solicitam melhores preços para os produtos nativos, o café sofre nova baixa no mercado dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo que suplicam condições favoráveis à colocação de produtos industrializados no mercado mundial, Washington impõe severas restrições à produção do café solúvel brasileiro. E quanto à ansiada ajuda financeira, os trustes norte-americanos, como bons capitalistas, só fornecem dinheiro para obter grandes lucros. Em 1967, como verificou a própria CECLA, 90% dos empréstimos da USAID ficaram nos Estados Unidos para a aquisição de produtos ianques.

Os povos latino-americanos, cada vez mais conscientes de que os imperialistas estadunidenses são os maiores espoliadores e opressores dêste Hemisfério, erguem-se para desmascarar os serviçais e cúmplices de Washington e para manifestar sua indignada repulsa à visita de Nelson Rockefeller. Vigorosos protestos populares eclodem por onde passa esse cão sarnento do imperialismo norte-americano. Em Honduras, correu sangue da juventude derramado pelos esbirros da ditadura militar que ali domina, à chegada do enviado de Nixon. Na Guatemala, Rockefeller não pôde permanecer mais do que quatro horas, temeroso da ação dos patriotas e do movimento guerrilheiro.

Os governantes dos países latino-americanos, serviçais dos imperialistas ianques e traidores dos interesses de seus povos, aguardam pressurosamente a visita de Rockefeller e esforçam-se para encontrar fórmulas que respondam aos desejos de seus amos. Mas as massas populares aprestam-se para expulsar o homem da Standard Oil e desmascarar seus lacaios, insurgem-se contra a dominação norte-americana.

FORA ROCKEFELLER ! ABAIXO O IMPERIALISMO IANQUE !

Të përkthehet

Mistificação Agrária

Na tentativa de enganar a opinião pública, Costa e Silva, logo após ter substituído Castelo Branco, declarou estar no firme propósito de realizar a reforma agrária. Durante certo período, fez grande alarde a êste respeito. Acionando o chamado Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA), criado por seu antecessor e onde se instalaram dezenas de oficiais do Exército, encomendou novos planos para a "distribuição" da terra. Tais planos ficaram, porém, no papel e as promessas caíram no esquecimento oficial. Depois do Ato Institucional nº 5, Costa e Silva voltou a fazer ribombantes afirmações em torno do mesmo tema, e seu ministro da Agricultura, em entrevista à imprensa, delineou os projetos reformistas da ditadura militar, deixando claro a farsa que está sendo montada. Finalmente, o grotesco marechal que ocupa o Palácio do Planalto assinou o decreto que dispõe sobre a propalada reforma agrária.

Segundo o decreto, a ditadura expropriará terras em certas áreas do país para "lotear" entre os camponeses. A expropriação será efetuada nas chamadas áreas prioritárias, consideradas como tal aquelas onde exista tensão social. Os camponeses que quiserem obter um lote terão que pagá-lo com elevados juros e correção monetária. E os latifundiários que porventura vierem a ser expropriados, receberão o valor das terras por êles declarado, em títulos da dívida pública, com direito à correção monetária e outras vantagens. Receberão também, em moeda corrente, o valor das benfeitorias existentes em suas propriedades.

Não serão expropriadas tôdas as terras das "áreas prioritárias" e sim ùnicamente as que não estejam produzindo econòmicamente. É suficiente que o latifundiário prove que as suas terras estão sendo utilizadas para vê-las a salvo de qualquer expropriação. Além disto, o latifundiário pode reclamar na Justiça contra o que venha a julgar abuso do govêrno.

Tal reforma agrária não passa de grosseira mistificação. Não toca, nem de leve, nos fundamentos do arcaico sistema do latifúndio, uma das causas principais do atraso e da opressão reinantes no país. Tampouco atende, por pouco que seja, a aspiração de milhões de camponeses sem terra, que vegetam como párias, na imensidade do território nacional. A grande maioria dos camponeses não tem condições de adquirir terras nem sequer a prazo. Os rendimentos que aufere, com os recursos primitivos utilizados, mal satisfazem suas necessidades mais prementes. Boa parte do produto de seu trabalho fica nas mãos dos latifundiários, dos intermediários e dos usurários que infestam o campo.

A experiência de distribuição de terra em regiões longínqüas, é relativamente antiga. Em Mato Grosso, por exemplo, existem inúmeras colonias, nas quais pequenas áreas foram cedidas gratuitamente a milhares de famílias camponesas. Entretanto, a situação dessas famílias, hoje, é de imensas dificuldades. Na realidade, vivem em condições quase semelhantes a de seus irmãos que não possuem terra. Além da expoliação dos intermediários, não contam com créditos, não dispõem de transportes e os preços de seus produtos estão sempre abaixo do custo real dos mesmos. Estão em geral endividados. E muitos são os que buscam trabalho nas fazendas dos latifundiários e capitalistas agrários ou emigram para as cidades. Se esta é a situação dos camponeses que receberam a terra de graça em zonas de certa fertilidade, que poderá acontecer aos camponeses obrigados a pagar a terra fornecida pelo IBRA ?

Ao mesmo tempo que a ditadura acena com a reforma agrária, ataca violentamente os camponeses que se dirigem para regiões onde há terras devolutas. Ainda agora, milhares de famílias camponesas estão sendo escorraçadas do oeste e do sudoeste do Paraná para onde acorreram na esperança de obter uma gleba do governo. Os latifundiários dessa região mobilizaram seus jagunços para expulsar os lavradores e mais de dois mil soldados lá se concentraram para repelir os camponeses. Nos choques ocorridos entre as massas, de um lado e os soldados e jagunços, do outro, registraram-se mortos e feridos. Desta forma, desmascaram-se os planos demagógicos da ditadura. O massacre de camponeses visa demonstrar aos latifundiários que seus interesses fundamentais não correm qualquer perigo.

(Continua)

A reforma agrária de Costa e Silva representa, em essência, uma negociata em vasta escala. Tem em vista beneficiar alguns apadrinhados da ditadura. É oportunidade para a venda ao Estado, por alto preço, de terras improdutivas e de má qualidade, em regiões impróprias. Ao mesmo tempo, objetiva alimentar ilusões nas massas camponesas sôbre a possibilidade de obterem pacificamente, a propriedade da terra, no regime atual.

As grandes massas do campo não conseguirão sair da miséria em que se encontram nem do abandono a que estão relegadas senão com a destruição do latifúndio como sistema e com a implantação de um govêrno popular, que represente efetivamente seus interêsses. Por isso, sua luta pela terra se funde, obrigatoriamente, com a luta contra a ditadura de Costa e Silva. Nem é possível introduzir métodos agrícolas avançados e que beneficiem os camponeses senão com uma verdadeira revolução agrária, que liquide com os privilégios de uma minoria de latifundiários e de grupos monopolistas espoliadores dos camponeses.

As manobras "reformistas" da ditadura militar jamais enganarão os homens do campo. A terra de que êles necessitam será conquistada na luta contra os latifundiários e seus prepostos. Como já fazem em algumas regiões, ocuparão as glebas indispensáveis à sua sobrevivencia sem pedir licença a ninguém e garantirão sua posse, através da união e da firme determinação de defendê-la por todos os meios.

NO 50º ANIVERSÁRIO DO MOVIMENTO DE 4 DE MAIO NA CHINA

"Os jovens intelectuais e os estudantes chineses devem ir ao encontro das massas camponesas e operárias para mobilizá-las e organizá-las. Elas constituem 90% da população do país. Sem estas fôrças principais, isto é, sem os operários e os camponeses, apoiando-se unicamente na parte do exército que se compõe de jovens intelectuais e estudantes, é impossível triunfar sôbre o imperialismo e o feudalismo. Esta a razão por que os jovens intelectuais e os estudantes de todo o país devem, sem perda de tempo, entrar em contato estreito com o conjunto das massas operárias e camponesas, fundindo-se com elas; só assim se constituirá um grande e poderoso exército, um exército de algumas centenas de milhões de homens !"

(...)

"Há alguns dias, escrevi um artigo bastante curto onde dizia: 'Para determinar se tal ou qual representante da camada intelectual é revolucionário, não-revolucionário ou contra-revolucionário, existe um critério decisivo: saber se êle quer ligar-se às massas operárias e camponesas e se de fato se liga a elas'. Enunciei então o que constitui a meu ver, o critério único. Que pode servir de critério quando se trata de determinar se um jovem é ou não revolucionário? Que unidade de medida se vai empregar? Só existe um critério: saber se êsse jovem quer ligar-se às massas operárias e camponesas e se, efetivamente, se liga a elas. Se quer ligar-se aos operários e camponeses, e o faz efetivamente, então é um revolucionário; no caso contrário, é um não-revolucionário ou um contra-revolucionário. Se hoje se liga às massas de operários e camponeses, é um revolucionário. Mas se amanhã não se liga a elas ou, pior ainda, oprime as pessoas simples do povo, então será um não-revolucionário ou um contra-revolucionário.(...) É por isso que quando queremos julgar do valor de um indivíduo, saber se se trata de um falso ou de um verdadeiro continuador dos três princípios do povo, se é um falso ou um verdadeiro marxista, basta-nos ver quais são as suas ligações com as grandes massas de operários e camponeses para que tudo fique rapidamente esclarecido".

(Do discurso de Mao Tsetung pronunciado em Ienán, em 1939, em comemoração do XX aniversário do Movimento de 4 de Maio).

Por Que a Conferênci[a] dos Revisionistas ?

A realização de uma conferência internacional dos partidos revisionistas tem sido preocupação constante da camarilha dirigente do PCUS. Nestes últimos cinco anos, os intentos para efetivá-la fracassaram, um após outro. Agora, Brezhnev e Kossiguin fazem novo e supremo esforço: marcaram a data de 5 de junho para o encontro, em Moscou, de seus apaniguados.

Os renegados krushovistas não se cansam nos preparativos para o conclave. Correm de um lado para o outro no afã de obter a participação do maior número de organizações congeneres. Mobilizam seus lacaios mais fiéis para reuniões preliminares. Apelam para todos os recursos a fim de arrebanhar o redil cada vez mais tresmalhado. Oferecem vantagens ou fazem pressões e ameaças. Prometem eludir as divergencias, passar por cima dos problemas espinhosos e apresentar apenas as questões que possam ser aceitas por todos. Não vacilaram em provocar incidentes fronteiriços com a China Popular, posando de vítimas, na esperança de conseguir a solidariedade dos "partidos irmãos" e sua adesão a malfadada conferencia.

Por que a camarilha revisionista soviética tem tanto interesse nesse encontro ?

Em primeiro lugar, porque se torna difícil a posição dos revisionistas dentro da União Soviética. As grandes massas trabalhadoras do país de Lênin e Stálin veem, a cada dia, que os atuais dirigentes da URSS seguem uma política de traição. Constatam que os amigos de Brezhnev e Kossiguin são os monopolistas norte-americanos, ao passo que a China e a Albania socialistas são os seus inimigos principais. Sentem que a União Soviética já não conta com o amplo apoio dos povos, apoio que lhe permitiu enfrentar e vencer todos os ataques da reação mundial, desde os gloriosos dias de Outubro de 1917. Aos poucos, tomam conhecimento da grande divisão ocorrida no movimento comunista e se dão conta de que a bandeira do marxismo-leninismo foi abandonada pelo PCUS. Por isso, manifestam crescente descontentamento e começam a resistir.

Nestas circunstâncias, os krushovistas em bancarrota recorrem a reunião dos partidos revisionistas. Pensam com esta manobra construir um tapume para esconder [seus] fracassos e apresentar ao povo soviético uma espécie de aval internacional a sua criminosa política. Com a aprovação de um documento, subscrito por todos os seus parceiros, pretendem demonstrar que gozam de amplo apoio no exterior e que são "marxistas-leninistas".

Em segundo lugar, os traidores do povo soviético necessitam da reunião internacional porque lavra a desunião no campo revisionista. Particularmente depois da invasão da Checoslováquia, aumentaram as divergencias de muitos partidos revisionistas com o PCUS. Temendo a condenação da opinião pública e aparecer como simples joguetes da política imperialista da URSS, tais partidos foram obrigados a se pronunciar contra a ocupação daquele país da Europa Central.

Com a conferência de cúpula, os dirigentes soviéticos sonham restabelecer a unidade entre os revisionistas. Almejam, através dela, lançar altissonantes declarações a favor de pretensos objetivos comuns e de falsas ações comuns e urdem, ao mesmo tempo, novas fórmulas para impor as demais agrupações cega obediencia ao PCUS.

Em terceiro lugar, Brezhnev e Kossiguin precisam da reunião de 5 de junho porque a invasão da Checoslováquia, por tropas do Pacto de Varsóvia, tiveram profunda repercussão negativa entre os povos de todo o mundo e revelaram o verdadeiro caráter da orientação que segue o governo soviético. Por mais que apregoem a mentira da salvação do socialismo checo, os revisionistas da URSS não podem abafar os protestos e as manifestações de repulsa das massas populares em toda parte. É impossível esconder que os atuais dirigentes da Checoslováquia são impostos de fora, atuam como títeres de Moscou.

Ao promover a chamada conferência internacional, a camarilha de renegados soviéticos tem em vista desviar a atenção dos povos do mundo de sua política social-imperialista. Quer dar a impressão de que a questão checoslovaca não é tão grave, tanto assim que os "partidos irmãos" concordaram em reunir-se para debater uma orientação comum. Intenta impingir como marxista-leninista a teoria neocolonialista da "soberania limitada", preconizada por Brezhnev.

Em quarto lugar, os dirigentes do PCUS necessitam da conferencia mundial porque seus interesses vitais exigem uma "condena-

ção internacional" dos verdadeiros partidos marxistas-leninistas, em particular do Partido Comunista da China e do Partido do Trabalho da Albania. A posição revolucionária destes dois partidos, assim como das demais organizações marxistas-leninistas, assesta duros golpes nos revisionistas contemporaneos, desmascara implacavelmente sua política de traição a classe operária e ao socialismo, denuncia energicamente o conluio contra-revolucionário soviético-norte-americano para a divisão do mundo em esferas de influência entre os Estados Unidos e a União Soviética. Nestes últimos anos, o objetivo essencial dos sucessores de Kruschov é alcançar esta "condenação", bem como o "isolamento" dos partidos e organizações marxistas-leninistas. Até agora, tal objetivo não foi atingido. Seus parceiros, principalmente os da Europa e do Japão, temem aprovar uma "decisão condenatória" dos partidos marxistas que poderá se transformar, no futuro, numa arma contra êles próprios.

Ao patrocinar a conferência internacional, Brezhnev e Kossiguin visam a realizar aquela sua idéia fixa. Encontram, porem, grandes dificuldades o que os obriga a mudar de tática. Assim, prometem aos seus comparsas silenciar sobre as divergencias com a China e a Albania, fingem propósitos unitários. Isto na forma, porque, em essencia, sua posição é a mesma. Quaisquer que sejam os procedimentos que utilizem na conferencia, abertos ou camuflados, diretos ou indiretos, seus propósitos são sempre os de combater a China e a Albania, tentar isolar os partidos verdadeiramente revolucionários, impedir o desenvolvimento das organizações marxistas-leninistas para afogar e esmagar sua luta de princípios contra a traição do revisionismo contemporaneo.

A reunião de 5 de junho não alcançará seus fins. Será mais um fracasso dos revisionistas soviéticos e de seus aliados. Podem os seus participantes falar em luta conjunta contra o imperialismo e em defesa da paz mundial. A vida os desmascara a cada passo. Soviéticos e norte-americanos estão mancomunados para dividir o mundo entre si. Negociam desavergonhadamente a sagrada causa do povo vietnamita e das nações árabes. Os revisionistas soviéticos advogam a capitulação ante os agressores, não pugnam pela verdadeira paz mundial. Opoem-se a guerra revolucionária dos povos.

As massas trabalhadoras da União Soviética compreenderão, cada vez melhor, o caráter contra-revolucionário da política de seus atuais dirigentes. Os grupos de resistencia continuarão a se formar na URSS e as demonstrações de repulsa a camarilha de renegados prosseguirão até transformar-se em poderosa torrente que há de arrasar com a dominação dos kruschovistas. A unidade dos revisionistas é um mito. Não pode existir pelo simples fato de que, cada partido, representa não os interêsses da classe operária mas os da burguesia de seu próprio país. Tampouco conseguirão os revisionistas soviéticos desviar a atenção das massas para o crime que cometeram e cometem com a ocupação da Checoslováquia. A luta do povo dêste país crescerá inevitavelmente e conquistará vitórias. As massas populares levantar-se-ão uma e outra vez até derrubar o domínio do imperialismo soviético em sua pátria. Os partidos marxistas-leninistas tornar-se-ão cada vez mais fortes e sua influência entre as massas aumentará incessantemente. Na luta contra o revisionismo contemporâneo, o imperialismo e a reação, êstes partidos se converterão em poderosos instrumentos revolucionários, ainda mais queridos pelos trabalhadores. A grande bandeira do socialismo está nas mãos firmes dos comunistas da China e da Albânia. As idéias do marxismo-leninismo são invencíveis e se enriquecem cada vez mais. Não há força no mundo capaz de isolar os autenticos partidos marxistas-leninistas ou deter seu vigoroso desenvolvimento.

Promovam ou não conferências internacionais, aprovem ou deixem de aprovar declarações conjuntas, o destino dos revisionistas está selado. De derrota em derrota, marcham para o túmulo.

OUÇA DIÀRIAMENTE EM PORTUGUÊS:

Rádio Pequim -	Das 17:00 às 18:00 h	Ondas Curtas de 25 e 31 m
	Das 19:00 às 20:00 h	Ondas Curtas de 19, 25 e 31 m
	Das 21:00 às 22:00 h	Ondas Curtas de 19 e 25 m
Rádio Tirana -	Das 18:30 às 19:00 h	Ondas Curtas de 25 e 31 m
	Das 20:30 às 21:00 h	Ondas Curtas de 31 e 42 m
	Das 22:00 às 22:30 h	Ondas Curtas de 31 e 42 m
	Das 23:00 às 23:30 h	Ondas Curtas de 31 e 42 m

Romance de um Renegado

O "Diário do Povo", de Pequim, num artigo recente, estigmatizou "DIAS E NOITES", romance reacionário do escritor revisionista soviético Constantin Simonov. O artigo caracteriza a obra como um triste exemplo da literatura revisionista de guerra, romance venenoso capaz de exercer influencia perniciosa. Ao submeter o livro a uma análise profunda, sob a luz do pensamento marxista-leninista de Mao Tsetung, "Diário do Povo" aponta Simonov como um renegado que jogou lama na glória e na dignidade dos soldados do Exército Vermelho Soviético.

A CLASSE OPERÁRIA publica a seguir alguns extratos dêsse artigo.

Na apreciação de uma guerra , de uma guerra revolucionária, o marxismo-leninismo-pensamento de Mao Tsetung, diferencia-se fundamentalmente do revisionismo, seja qual for o matiz que êste apresente.

A guerra é a continuação da política. Tem sempre uma natureza de classe bem nítida. O dever dos marxistas-leninistas autênticos é elevar bem alto a bandeira das guerras justas, é elevar bem alto a bandeira das guerras revolucionárias, é dirigir o proletariado e os revolucionários na luta até a liquidação das classes exploradoras, é tomar o mundo em suas mãos e remodelá-lo.

A Guerra Revolucionária, Qualificada de "Tragédia Humana"

Paramentado com o título de "bolchevique" e afetando oposição a tôdas as guerras, Simonov propala, há dezenas de anos, a concepção revisionista sobre a guerra. Fala continuamente no sangue que ela faz correr, nos seus horrores que são para todos uma fonte de dor e de morte. Condena, enfim, a guerra por interromper os progressos da humanidade.

Em "DIAS E NOITES", a guerra revolucionária aparece como inteiramente "destrutiva" e a batalha em defesa de Stalingrado, que tanto orgulho desperta nos revolucionários, é alvo dos maiores vitupérios.

A batalha em defesa de Stalingrado foi revolucionária e justa. Em Stalingrado, as salvas dos canhões anunciaram a vitória da guerra antifascista. Segundo a sábia opinião emitida em outubro de 1942 pelo nosso grande líder, o Presidente Mao, ela representou "uma viragem decisiva em tôda a história da humanidade".

Em "DIAS E NOITES", ao contrário, os temas de quase tôdas as páginas são as "cabeças inanimadas e sangrentas", os "cadáveres rígidos e enregelados". Não se fala de outra coisa senão de ruas inteiras incendiadas, de prantos e gemidos por toda parte. Uma catástrofe sem precedentes, que ao povo só trouxe a morte e a miséria — é o que, segundo a pena de Simonov, significou a batalha de Stalingrado.

No retrato que Simonov faz da guerra só é possível ver destroços. Mas que "belo quadro" poderia ter êle pintado, se não tivesse havido a guerra... Eis o que o autor sugere num ataque ainda mais sorrateiro à guerra revolucionária.

"Na sociedade de classes, as revoluções e as guerras revolucionárias são inevitáveis", disse o Presidente Mao.

É fato incontestável. Depois da II Guerra Mundial, jamais cessaram, por um momento sequer, a agressão imperialista e as guerras de resistência à agressão, as guerras de libertação nacional, travadas pelos povos oprimidos. Mas Simonov consagra toda a sua energia em semear ilusões a respeito da paz. Busca em vão reduzir os povos revolucionários à impotência diante da agressão imperialista, levá-los a abandonar a guerra revolucionária.

Em suma, isto só serve para tornar ainda mais visível sua natureza hedionda de renegado.

As "Três Verdades" do Soldado, Segundo Simonov

A Concepção revisionista da guerra nada mais é do que um reflexo da concepção burguesa do mundo acerca desta questão. Pregar a filosofia burguesa da preservação da vida a todo custo, colocar o amor acima de tôdas as coisas e pintar a guerra como um instrumento de destruição total, passaram a ser, em conseqüência, componentes indispensáveis da literatura revisionista de guerra. É o que Simonov resume nas seguintes "três verdades" do soldado:

1. O amor é a felicidade suprema;
2. Viver, é o mais importante;
3. A guerra é monstruosa.

O personagem Saburov, que Simonov apresenta em seu romance como um herói, zela cuidadosamente por estas "três verdades" do soldado. O amor acima de tudo e viver somente para o amor, eis em que consiste, para Simonov, a primeira "verdade" de seu "herói".

Simonov afirma que quando uma pessoa ama e é amada, ela tem tudo no mundo. E o que mais lhe importa, é não morrer. Saburov e Anya proclamam portanto que devem viver, sejam quais forem as circunstâncias. Em Stalingrado, por entre as chamas do combate que decidirá do futuro da humanidade, viver é a única coisa pela qual êles se interessam.

O mais importante é viver. Esta a segunda das supremas "verdades" de Simonov.

...E daí nasce a terceira "verdade" do soldado: a guerra é monstruosa.

Do primeiro ao último dia da batalha em defesa de Stalingrado, Simonov amaldiçoa a guerra. Não contente com isso, escreveu em 1946 um epílogo para "DIAS E NOITES". Nesse epílogo, Stalingrado, campo de batalha da Grande Guerra Patriótica, Stalingrado, fonte de luz e esperança para a humanidade, é apresentada apenas como uma superfície crivada de crateras cheias de água suja e estilhaços de granada portadores da morte.

As intenções de Simonov são sinistras. Quer convencer o povo de que a vitória é sinônimo de morte para milhões de homens. Conquistamos a vitória — diz êle — mas é grande o número de mortos e a "felicidade" desapareceu.

Para nós, revolucionários, a maior honra do mundo é lutar pelo comunismo, a coisa mais importante é derrubar o imperialismo, o revisionismo e todos os reacionários, a fim de libertar a humanidade. Para um homem de vanguarda nada é mais terrível do que perder a vontade revolucionária de luta, tornar-se escravo voluntário da reação. Se abandonamos a revolução e a luta, não existe mais nenhuma felicidade digna dêste nome.

Em um de seus poemas, escreve o Presidente Mao: "E, fruto do sacrifício, uma coragem mais alta do que o sol e do que a luta, descortina um nôvo horizonte".

Quem diz luta diz sacrifício. Graças ao sacrifício consciente de um pequeno número de pessoas , a humanidade será libertada. O que Simonov tem em vista é realmente intimidar os revolucionários que lutam pela independência nacional, pela democracia popular, pelo socialismo e o comunismo. Mas ao investir cegamente contra a parede, ele quebrará a cabeça.

Não Permitiremos Insultos ao Povo e ao Exército Soviéticos,

Dirigidos por Stálin

A guerra revolucionária é uma guerra das massas. A grande batalha de Stalingrado deixou muito claro o poder invencível do heróico exército, do glorioso povo soviético.

Nosso grande dirigente, o Presidente Mao disse: "O povo soviético, que se tornou uma fôrça poderosa, desempenhou o papel principal no esmagamento do fascismo". E salientou: "Os combatentes do Exército Vermelho realizaram diante de Stalingrado uma façanha

heróica que repercutirá no destino da humanidade inteira". Mas Simonov difamou o intrépido Exército e o destemeroso povo da União Soviética. Para êle, os soldados soviéticos constituíam um exército vencido e o povo, um bando de refugiados incapazes de enfrentar a menor dificuldade.

Segundo Simonov, o Exército Vermelho dirigiu-se para Stalingrado não com a finalidade de lançar depois uma contra-ofensiva contra as feras fascistas, mas porque foi forçado por Hitler a refugiar-se nessa "cidade isolada". Pinta os comandantes e combatentes do exército como elementos desmoralizados e sem confiança na vitória dessa batalha decisiva. Conta que estavam apavorados, "cenhos carregados, fisionomia de causar pena".

Para Simonov, o que incitava os generais e soldados do Exército Vermelho ao combate era a perspectiva de conquistar medalhas e promoções. O que êle descreve não são as "nobres qualidades espirituais", mas a tendência à traição, apanágio dos covardes. Despreza deliberadamente a grande figura do herói soviético Matrosov e o espírito inquebrantável de Zoya, que não se deixaram subjugar pela fôrça. Arrasta pela lama o grande povo soviético, fôrça principal da resistência ao fascismo, ao qual assim retrata: "a longa fila de refugiados de Stalingrado, andrajosos e esgotados, penando ao longo dos caminhos, a maioria com ataduras cinzentas, cheias de poeira". Fugiam para salvar a vida: "milhares de refugiados famintos lutam desesperadamente para conseguir uma códea de pão".

É desta forma que Simonov descreve o povo soviético e o Exército Vermelho. Mas êstes insultos não os atingem. Ao contrário, só podem realçar sua grandeza e sua firmeza, ao passo que tornam mais visíveis a baixeza e a sordidez, dignas de dó, dos renegados. Por ter traído a revolução e ofendido a honra e a dignidade do povo e do Exército soviéticos, Simonov terá um fim ignominioso.

É Vão Todo o Esfôrço por Salvar o Velho Mundo que Desmorona

Leiam o que diz Simonov: "O objetivo que eu tinha em vista, ao narrar esta batalha, era concorrer para que nunca mais viesse a reproduzir-se um ano como o de 1941. É no interêsse do futuro e do comunismo de amanhã que é preciso, nos nossos escritos, evocar o passado". Pura mentira. O futuro em que êle pensa, não é o comunismo, mas o capitalismo.

Estamos atualmente na era do pensamento de Mao Tsetung. As teorias do Presidente Mao sôbre a guerra revolucionária do povo descortinam a via luminosa pela qual se lançam os povos do mundo inteiro, em sua luta pela emancipação. "O poder nasce do cano do fuzil" — eis a grande verdade que encoraja os povos, cada vez em maior número, a se revoltar, a levantar-se para fazer a revolução. As tempestades da guerra revolucionária estão sacudindo a Ásia, a África e a América Latina.

Ardem estrepitosamente as chamas da guerra popular revolucionária. O mundo capitalista em seu conjunto ameaça ruir. A fim de defender o "futuro" do capitalismo, os imperialistas, os revisionistas e os reacionários reuniram tudo que lhes resta de fôrça para combater o surto de guerra popular revolucionária. Êles travam, com ferocidade, sua derradeira luta, uma luta desesperada. Sob o pretexto de opor-se a todas as guerras, Simonov e seus consortes opõem-se à guerra revolucionária. Recorrem a mil e um ardis para tentar apagar as chamas da guerra revolucionária do povo. Foi precisamente com êste objetivo que Simonov escreveu "DIAS E NOITES".

Nessa obra, a fim de proteger o sistema capitalista decadente, êle apregoa a invencibilidade do inimigo, realça o caráter destruidor da guerra, preconiza a filosofia da preservação da vida a todo custo e a "felicidade" servil.

Os romances de Simonov têm desempenhado um papel que os escribas do imperialismo norte-americano não podem absolutamente cumprir. Por isso, os revisionistas soviéticos e os monopolistas ianques lhe dão uma grande atenção: "É um artista que sabe responder com presteza às necessidades da época."

Simonov e companhia: não vos regosijeis antes do tempo ! Se os aviões e os canhões do imperialismo não conseguiram reprimir a resistência do povo, que podem então obter vossos livros sinistros ?

A guerra popular revolucionária desencadeia-se pelo mundo com o ímpeto de uma avalancha. O futuro pertence ao proletariado, aos povos revolucionários, ao comunismo. Em nossa época os acontecimentos se sucedem com extrema rapidez, à luz do invencível pensamento de Mao Tsetung. O socialismo e o comunismo triunfarão ! E quanto a vós, vermes que engordais com as vitórias conquistadas à custa do sangue dos mártires revolucionários, vossos dias estão contados !

"Seja qual fôr a motivação para desencadear a luta armada no interior, ela se apresentará no início sob a forma de guerra de guerrilhas. Esta guerra precisará ter caráter organizado. Deverá contar sempre com uma firme liderança política e militar e com um trabalho político-ideológico permanente. A guerrilha precisa contar com homens firmes e de grande lealdade ao povo, com consciencia revolucionária e confiança em si mesmos, que sejam perseverantes, tenham certo conhecimento de organização, capacidade de ligar-se às massas e vigilância contra a atividade desagregadora do inimigo. O espontaneísmo e a indisciplina são incompatíveis com os grupos guerrilheiros que devem ser homogêneos e de grande poder combativo. "Destacamentos guerrilheiros indisciplinados não podem absolutamente almejar a vitória" (Mao Tse-tung). A disciplina na guerrilha, ainda que se diferencie radicalmente da que é imposta no exército da reação, por ser voluntária e consciente, deve ser inflexível. As ordens emanadas do comando deverão ser cumpridas incondicionalmente.

Em tôdas as oportunidades, o guerrilheiro prestará ajuda ao povo, jamais causará qualquer dano aos bens das massas. Atenderá com desvêlo os feridos e estabelecerá adequadas relações com os prisioneiros. A fraternidade deverá presidir as relações entre os membros da guerrilha, que precisarão estar sempre prontos a ajudar seus companheiros, não só durante os combates como também nos períodos em que não se confrontam diretamente com o inimigo. O guerrilheiro procurará aperfeiçoar-se no manejo das armas, tiro, engenharia militar, passagem de obstáculos, organização de acampamentos, conhecimento do terreno, orientação nas marchas, eliminação dos rastros e cuidará de sua educação política e ideológica. Seu preparo físico deverá merecer particular atenção.

A guerrilha é uma forma de luta das massas. É a fôrça armada das massas na luta em defesa de suas reivindicações específicas e dos interêsses da maioria da nação. Em sua atividade, os grupos guerrilheiros devem refletir a vontade dos habitantes da região em que operam. Combatem as injustiças e arbitrariedades e as violências contra o povo. A guerrilha terá conteúdo de massas e objetivos políticos claros. Mesmo se tiver tais objetivos e êstes não corresponderem aos interêsses e sentimentos da população, ela não contará com seu apoio e terminará por ser destruída. Esta é a razão pela qual a guerrilha é uma forma de luta que só pode ser empregada com êxito por fôrças revolucionárias."

(Trecho de "Guerra Popular, Caminho da Luta Armada no Brasil")